

VOCÊ ME CONHECE? A HISTÓRIA DE ALGUNS CARNAVALESCOS DE PORTO VELHO

Ítalo Lima de Moura¹

Resumo

Este artigo aborda, entre outras coisas, alguns aspectos carnavalescos da cidade de Porto Velho, mas particularmente centra-se na vida e na trajetória histórica dos principais sambistas e carnavalescos da cidade. Você sabe quem eu sou? A pergunta evoca a memória, a muitas vidas que se entregaram aos prazeres de momo e se quer são lembrados em algum momento de nossa História. A História cultural e o estudo de cultura ainda tem sido uma preocupação recente dentro da academia rondoniense. Este artigo vem contribuir para o alargamento do campo cultural a ser desenvolvido em Porto Velho, fruto de preocupações e inquietações acerca da História e Cultura de Rondônia. Na Amazônia, o carnaval ganhou elementos próprios das culturas regionais e em Porto Velho, seus registros datam da década de 1920. Ao longo do século XX, as manifestações carnavalescas foram revistas e reorganizadas, quer por influência dos modelos dominantes do Sudeste e Nordeste, quer por conta das sucessivas ondas migratórias experimentadas pela cidade. Bailes, Blocos e Escolas de Samba marcaram a primeira metade do século XX. Utilizaremos as memórias de personalidades carnavalescas, líderes de blocos e escolas de samba, jornais, revistas e fotografias e outras fontes documentais que possam nos ajudar no entendimento dos festejos carnavalescos locais e os processos de reorganização pelos quais evento passou. Mas o foco do trabalho está na memória e na história do que nas palavras de Maria Clementina Pereira Cunha (2002) se converte nas “agentes que promovem a festa”.

Palavras-chaves: Carnaval em Porto Velho, Identidade Social, Escolas de Samba, Blocos, Bailes.

¹ Fundação Universidade Federal de Rondônia, E-mail: italo.limamoura@outlook.com

YOU KNOW ME? THE HISTORY OF SOME CARNIVALS IN PORTO VELHO

Abstract

This article approaches, among other things, some carnival aspects of the city of Porto Velho, but particularly it is centered in the life and in the main samba dancers' historical path and carnival of the city. Who do you know I am? The question evokes the memory, to a lot of lives that surrendered to the momo pleasures and it is wanted are reminded in some moment of our History. The cultural History and the culture study has still been a recent concern inside of the academy rondoniense. This article comes to contribute for the enlargement of the cultural field to be developed in Porto Velho, fruit of concerns and inquietudes concerning the History and Culture of Rondônia. In the Amazonian, the carnival won own elements of the regional cultures and in Porto Velho, their registrations date from the decade of 1920. Along the century XX, the carnival manifestations were reviewed and reorganized, he/she wants for influence of the dominant models of the Southeast and Northeast, he/she wants due to the successive experienced migratory waves for the city. Dances, Blocks and Schools of Samba marked the first half of the century XX. We will use the memoirs of carnival personalities, leaders of blocks and samba schools, newspapers, magazines and pictures and other documental sources that can help us in the understanding of the local carnival feasts and the reorganization processes for the which event passed. But the focus of the work is in the memory and in the history than in Maria's words Clementina Pereira Cunha (2002) he/she turns into the "*agents that promote the party.*"

Keywords: Carnival in Porto Velho, Social Identity, Schools of Samba, Blocks, Dances.

Introdução

Este artigo evoca a história de alguns carnavalescos locais, mas principalmente os seus feitos como criação de blocos e escolas de samba, nossa pesquisa foi fundamentada tanto em bases documentais primárias e orais como jornais e memórias, até mesmo secundários como uma vasta pesquisa

bibliográfica e de artigos da internet. O título: Você me conhece? Tem por intuito evocar uma série de princípios e de memória acerca da cultura local, dos “agentes que promovem a festa” (CUNHA, 2002), se levados em conta sob a ótica do poder estes agentes quase sempre passam despercebidos, ante a história.

O carnaval de Porto Velho, assim como outros ramos da cultura, é caracterizado por uma série de práticas e expressões tanto locais, quanto trazidas por migrantes de diversos períodos e por influência das redes de informação televisas e jornalísticas, as manifestações carnavalescas de Porto Velho abrangeram blocos de rua, blocos empresariais, blocos de sujos, bailes populares e oficiais, concursos de fantasias, bandas carnavalescas, carnavais públicos em praças e quadras de bairros e desfiles de escolas de samba. As variações ocorreram em períodos regulares, privilegiando-se uma ou outra atividade. Entretanto, nos últimos 35 anos as principais manifestações ligaram-se aos desfiles de blocos e escolas de samba e à Banda do Vai Quem Quer. Por fim, nos anos 1990 e 2000 ocorreram os “carnavais fora de época”, com blocos fechados em circuitos públicos e que promoviam a vinda de grandes interpretes musicais do carnaval baiano ou carioca.

Até alguns anos atrás, como nos diz Edgar de Decca (1981), o enfoque dado à história era essencialmente político, a história era feita de grandes heróis, de cima para baixo, cheia de ecos e de vozes silenciadas. Os ecos deixados pelos discursos oficiais levaram o historiador a buscar, por intermédio da oralidade, a história das vozes apagadas pela historiografia oficial. Cabe-nos, aqui, chamar a atenção para o fato de que a: [...] *história oral é tão antiga quanto à própria história* [...], pois, segundo Thompson (1998), apenas muito recentemente é que a oralidade deixou de ser uma das marcas do grande historiador, a memória foi conduzida ao documento e este se mantém como autoridade final e como guia oficial para transmissão do futuro. O que tem de novo na história oral, segundo Meihy: [...] *são os aparelhos eletrônicos à disposição no mercado e que substituiu os antigos procedimentos de captação de depoimentos feitos na base de anotações e de memorização* [...] (1998, p. 18). A oralidade, de acordo com o enfoque de Thompson (1998), voltou à tona com maior vigor com o surgimento da classe operária, para fazer análises da contribuição dessa classe para a formação, por exemplo, do movimento

sindical, para análise da luta de classe e para o dia-a-dia do operário: nesses casos o pesquisador teve que buscar na oralidade a sua fonte principal de pesquisa.

O terreno comum dos historiadores que se encarregam de estudar a cultura, tem sido a preocupação com o simbólico e com suas representações, símbolos que podem ser tomados de forma consciente ou não, encontrados em todos os lugares, da arte ao cotidiano, essa abordagem histórica através do simbolismo é apenas uma entre outras possibilidades. Assim sendo, uma história cultural dos movimentos populares é diferente de uma história econômica sobre o mesmo assunto. Adaptando-se as circunstâncias, o caminho que parece ser mais sábio qualificar é que embora a história cultural não tenha a sua própria essência, ela possui a sua própria história. Para Burke, a história cultural pode ser dividida em quatro fases: a fase clássica, a da história social da arte, que teve seu início na década de 1930; a descoberta da história da cultura popular, em 1960; e mais recentemente, a Nova História Cultural, que tem pautado grandes novos trabalhos.

Sobre a maneira como tratar as fontes, Burke nos alerta de que tal qual nossos colegas a história política ou econômica, os historiadores culturais têm que praticar a crítica de suas fontes, pergunta-se porque um texto ou imagem veio a existir e qual era o seu propósito. E assim como o termo história cultural, a definição de cultura é ainda mais problemático do que o termo história cultural e o termo “popular”. Este termo, em geral, é usado para se referir a uma alta cultura. Mas foi estendido para baixo, continuando uma metáfora, de modo que inclui a “baixa” cultura, ou a denominada cultura popular. E de forma recente, se ampliou para os lados. Antes, o termo cultura se referia as artes e a ciência, hoje é empregado para descrever os equivalentes populares – sendo a música folclórica, a medicina popular e assim por diante.

Entender o amplo espectro do samba, ou melhor dizendo, do surgimento do samba dentro do cenário cultural brasileiro, é entender os amplos debates que se sucederam ao longo do tempo capaz de demarcar elementos da cultura e do cotidiano brasileiro até então ignoradas, mas que foi levantada como discussão dentro do cenário histórico e intelectual do Brasil dos anos 1930. Lilia Moritz Schwarcz (1993) recriou um cenário do pensamento científico brasileiro que desencadeou amplas discussões a respeito de elementos culturais

que estão centrados nas questões raciais. A escolha do recorte temporal da autora (1870-1930), relata uma gama de ideais que invadem o país e que nos leva a pensar a formação da população brasileira, a partir de questões que passaram a enfocar o tema a ser debatido pelos homens de letras. A escolha do ano de 1870 como marco inicial, evidencia um processo denominado [...] *como se escreve a história do Brasil* [...] que fora vinculado pela revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

A pretensão de Schwarcz era que com a implementação do Estado Nacional fosse possível identificar o perfil que formava a Nação frente aos princípios de vida social do século XIX, a fim de garantir-lhe uma identidade própria sobre o amplo conjunto das nações existentes que serviam de modelo a esses ideais. Por isso Ortiz (2006) trouxe para o debate a atenção que se faz necessária para uma construção de identidade e de uma produção científica voltada para a superação das questões raciais no Brasil, uma construção que vai de encontro a irradiação das colonialidades. Todas essas questões desembocam na mestiçagem brasileira encarada de forma positiva para a maneira como o conceito de identidade é construído, passou-se a evidenciar as contribuições das sociedades negras e indígenas para todos os valores socioculturais.

1. Porto Velho nos anos 50

Vale ressaltar que o início da colonização do Território Federal do Guaporé (hoje Rondônia) se deu por sucessivas etapas e ciclos econômicos, de início com o ciclo da borracha e a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que proporcionaram a vinda de imigrantes nordestinos e negros de Barbados, Granada, Jamaica, etc. que trouxeram suas culturas, comidas típicas e danças. Estamos falando de um povo que viveu e vive as margens do “Rio que Treme”, do Caiary². Um povo fortemente marcado por heranças históricas e sociais, assim sendo culturalmente estabelecido.

No que concerne a boemia, a moçada da época curtiua bastante o som do violão, congas e maracas, tomando um bom Rum Bacardi, bebida favorita dos seresteiros da noite. A Vila Confusão era o palco da boemia, ponto de encontro

² Assim conhecido pelos índios que aqui habitavam quando Raposo Tavares em 1650 desceu o Rio Madeira. Conf.: O Estadão do Norte, 20 de novembro de 1992, Porto Velho/RO. p. 6.

dessa turma da “boa vida”. O Clube do Pombal e o próprio Mocambo reunia muitos negros que jogavam capoeira, era o reduto dos baianos e pernambucanos. Como bons festeiros, nossa gente curti uma boa seresta, bolero, samba-canção, claro que não faltava o samba propriamente dito e a Bossa Nova.

Como de costume quando nos remetemos a história de Porto Velho temos que falar da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, pois foi por intermédio desta que a cidade passou a existir. O livro de autoria de Paulo Saldanha Sobrinho (S/D.) intitulado por *Fatos, Histórias e Lendas do Guaporé* (impresso pela gráfica Lorena Ltda.) registra que a 30 de abril de 1912, os trilhos da ferrovia “Madeira-Mamoré” chegaram em Guajará-Mirim, ponto final da linha, a região até então desconhecida, era endêmica e inexplorada pelo homem branco, a mesma, abria-se para novos horizontes. Acenava-se para uma nova rota de comunicação, os transportes pelo Madeira estavam suspensos, nascia nessa data, uma nova cidade. Em torno da Ferrovia desenvolveu-se a cidade de Porto Velho que nasceu das instalações dos ferroviários e de suas famílias em torno do pátio da mesma. A cidade desenvolveu-se em ritmo lento, da construção da ferrovia surgiu o povoado. Em função das várias necessidades e das grandes estruturas montadas para atender a essa ferrovia, o povo cresceu e a localidade que era pequena, foi promovida a município pelo governo do Amazonas que sancionou o decreto lei nº 752 de 02/10/1914.

A população de Porto Velho em 1950 estima-se num total de 27, 244 (vinte e sete mil e duzentos e quarenta e quatro) indivíduos, somando homens e mulheres. Ao desmembrar o total, temos 11. 933 homens e 4. 435 mulheres, então, temos uma cidade composta em sua maioria por homens, quando se trata de cor os pretos e pardos juntos forma uma cifra de 18, 961 de um total de 27, 244 sendo assim a população majoritária era e ainda é de pretos e pardos, nos últimos anos, os números de pretos diminuiu e aumentou o número das pessoas que se declaram pardas. É no seio das comunidades negras que nascerá a manifestação do nosso carnaval de rua e conseqüentemente dos desfiles de escolas de samba que iniciou-se por intermédio do soldado da borracha Eliézer

Santos (o Bola Sete). E nesse contexto de aparente evolução social local que surgem os Blocos de rua e as Escolas de Samba³.

2. Os processos migratórios

A região do antigo Território Federal do Guaporé foi povoada em grande medida pelos sucessivos ciclos econômicos que atraíam o olhar de diversos migrantes das mais variadas localidades do país e do exterior, sendo em sua maioria nordestinos que fugiam das sucessivas secas do sertão em busca de melhores condições de vida. Até o fim do século XIX a região de Porto Velho permanecia inacessível na concepção de muitos viajantes e bandeirantes que procuravam o enriquecimento, aldeias catequéticas foram fixadas na região dos principais rios – Guaporé, Mamoré e Madeira. Uma dessas aldeias ficou conhecida por Santo Antônio das Cachoeiras, foi quem esboçou ainda mais a instalação do Município de Porto Velho. Santo Antônio foi abandonada no fim do século XIX, quando já não havia mais interesse dos expedicionários no local. No início do século XX inicia-se a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, aí sim teremos mais uma vez os olhares atraídos para a região⁴.

Os migrantes nordestinos que tornar-se-iam os seringueiros tinham a esperança que na exploração da borracha poderiam ter uma vida menos sofrida. Segundo Darcy Ribeiro (1995) meio milhão de nordestinos abandonaram as secas do sertão para se embrenharem na mata a procura de novas condições de vida e de sustento familiar, todos foram a busca do “ouro branco”.

Santo Antônio retoma a sua importância local quando em 1907 é iniciada a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM). Nessa época a notícia da construção de uma ferrovia no meio da floresta corria o mundo e foi com esse espírito de aventura que milhares de trabalhadores de várias nacionalidades e regiões do Brasil, adentraram a região de Porto Velho afim de melhores possibilidades de vida e de lucro. Tiveram que enfrentar as dificuldades de adaptação e as agruras da selva que vitimizava os imigrantes

³ IBGE. Censo Demográfico Território do Guaporé – IBGE 1957. Fonte: IBGE. *Censos Demográficos e Econômicos: Território do Guaporé – série regional*. Volume VI. Rio de Janeiro, 1957

⁴ Ver: HUGO, 1998, p. 120-22.

que desconheciam as doenças endêmicas da região. Muitos foram dizimados, a ferrovia por intermédio dessas e de outras dificuldades ganha um novo apelido: “A ferrovia do diabo”⁵.

De um total de 27, 244 pessoas residentes em Porto Velho em 1950 deveu-se em grande medida tanto pela imigração forçada quanto pela construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Paralelo a construção da ferrovia ocorria a instalação das linhas telegráficas com a pretensão de integrar os vazios demográficos aos grandes centros urbanos. No início da década de 1960, essas instalações abertas por Rondon seriam a base para a construção da BR-364, além é claro de estimular o crescimento populacional do Território, a partir da expansão agrícola e dos projetos de colonização agrária liderados pelo INCRA.

A cassiterita também estimulou o surgimento de um ciclo econômico em Porto Velho. A exploração do minério teve seu auge na década de 1960 e foi responsável por mais um surto populacional no município. Estima-se que 30.000 brasileiros de todas as regiões dirigiram-se para a cidade à procura do mineral de estanho (THÉRY, 2010 in: REZENDE, 2013 p. 13). Até 1971 as aluviões estavam apinhadas de gente, mas com a proibição da garimpagem pelo Ministério de Minas e Energia, o capital deixou de circular na região, a produção mecanizada encerrou a corrida pela cassiterita.

Com os projetos de colonização do INCRA e com o crescimento das lavouras no centro-sul brasileiro que obriga os pequenos e médios agricultores a se instalarem em regiões ermas, faz com que Rondônia receba novos imigrantes que o levaria a se tornar Estado da União em 1971. Após esse novo fluxo migratório, em Porto Velho uma nova onda extrativista aflora a região, trata-se da exploração do ouro no leito do rio Madeira. Dragas e balsas instalaram-se ao longo do curso do rio e mais aventureiros desembarcaram nessa corrida do ouro. Eram aqueles que Rezende chama de [...] *refugiados da década perdida* [...] um período de intensa crise econômica no Brasil. A única saída para esses homens e mulheres de família era a extração do ouro, uma maneira de sobreviver à falta de emprego que dilacerava as demais economias estaduais.

⁵ Sobre todas essas características citadas nos dois parágrafos iniciais, ver: REZENDE, 2013.

A população de Porto Velho é então composta em sua maioria pelos retirantes nordestinos, por ferroviários da EFMM, e em menor escala pelos imigrantes brasileiros das demais regiões do país e de estrangeiros que comumente são chamados de “barbadianos”, quando na verdade é um termo que engloba todos aqueles que imigraram de diferentes regiões do Caribe.

Devemos lembrar também, de acordo com Menezes (2003) que junto com os caribenhos, vieram os árabes, os espanhóis e os gregos, os portugueses também fizeram parte dos grandes grupos de imigrantes que chegaram a região dos vales do Madeira, Mamoré e Guaporé. Grupo que em sua maioria eram compostos por homens, esses se constituíam como trabalhadores braçais, como comerciantes e muitos casaram com mulheres da região. Os grupos de imigrantes foram vários, os caribenhos em sua grande maioria foram trazidos para o trabalho na construção da Estrada de Ferro, contratados pela empresa norte-americana e tinham laços culturais com os ingleses. É de se notar que: [...] *Os judeus conforme se observa na documentação já se encontravam na localidade de Santo Antônio do Rio Madeira antes da construção da ferrovia. Com a queda da produção da borracha a maior parte retornou para Manaus ou Belém* [...] (MENEZES, 2003, p. 2) quando a localidade de Santo Antônio do Rio Madeira foi dissolvida muitos imigrantes deslocaram-se para outras regiões, outros seguiram na região e deram continuidade com o assentamento populacional na região que mais tarde seria Porto Velho. A região também contou com a presença dos árabes que chegaram com a movimentação da construção ferroviária e substituíram os judeus na prática de comércio ambulante. Os gregos, em um número reduzido, se instalaram no comércio e integram-se a região das cidades de Costa Marques e Guajará- Mirim.

Menezes chama a atenção para um aspecto vital, de que nem tudo era ferrovia, ela foi sim um elemento marcante nesse processo de exploração da borracha. Contudo, antes da ferrovia a região já existia, e a vida na localidade Humaitá e Santo Antônio do Rio Madeira tinham suas características. Conforme Menezes [...] *a Vila de Santo Antônio, criada em 1908, tinha desde 1881 um posto da coletoria do Estado instalado, o que indica a movimentação de pessoas e do comércio* [...] (2003, p. 3). Menezes acrescenta que antes desse processo de construção da ferrovia aqui não era o caos, portanto não se pode falar da história da região partindo do trem, já que esse [...] *vai de lugar algum*

para lugar nenhum [...] , a ferrovia, segundo Menezes, foi motivada por um processo econômico e passou a ser apenas um “enfeite” após a sua desativação, e mesmo assim a região não deixou de existir, evocando mais uma vez a existência local a partir de características próprias.

Muitos imigrantes integraram-se a região, o censo de 1920 conforme aponta Menezes, registra a presença de 24.007 pessoas que vieram de várias aldeias portuguesas e passaram a viver nas cidades de Manaus e Belém (BENCHIMOL, 1999), a diferença era de 3 homens para uma mulher, esse fator foi preponderante para a integração e a miscigenação, era comum acontecer o casamento de portugueses com mulheres nativas da região. Apesar desse número elevado de imigrantes nem todos trabalhavam na ferrovia. Eles estavam espalhados por toda a região, como comerciantes, comérciarios e trabalhadores braçais ao longo dos rios.

Menezes cita que nas primeiras décadas do século XX a presença dos portugueses foi muito marcante. Principalmente no episódio conhecido como *A revolta do portugueses*, que fora causada por alguns problemas econômicos de grandes proporções na Vila de Porto Velho, inclusive colocou em fuga o delegado de polícia José Joaquim Guerra. Antônio Catanhede em *Achegas para a História de Porto Velho*, afirma que o motim ocorreu devido aos altos impostos cobrados pela superintendência do município recém criado. Os portugueses já estavam acostumados a não pagar impostos, já que a ferrovia só fiscalizava o que acontecia em seu entorno, o Estado tinha como dever fiscalizar as outras áreas, como a Vila de Porto velho pertencia ao Estado do Amazonas, a fiscalização sendo exercida pela Comarca de Humaitá que ficava distante, a fiscalização não ocorria de forma efetiva, ao tomar essas providências quanto aos impostos, na sede da fila generalizou-se uma insatisfação entre os comerciantes portugueses, e isso gerou a revolta citada ver: (Catanhede, 1950).

3. Você me conhece? Marise Magalhães Costa Castiel

A trajetória da professora Marise Castiel desde a sua chegada a Rondônia em 1947, até a sua morte em fevereiro de 1999, é cheia de confetes e serpentinas, mas também de lutas grandiosas. Aqueles que conheceram Marise

Castiel sabem de seu trabalho no extinto Território e da sua importância na construção e no desenvolvimento de Rondônia.

Castiel foi educadora, administradora, política, animadora cultural e carnavalesca (um substantivo hoje banalizado, infelizmente). No site gente de opinião (28/01/2012), há uma referência que diz que no seu tempo, ou melhor, na sua época, é que as pessoas eram movidas por ideais, não havia incomodo com falatórios e muito menos status.

Nessa época Rondônia ainda dava seus primeiros passos, de acordo com Sandra Li [...] *a dona Marise Castiel aninhou Rondônia em seu colo de jovem mulher, igual uma mãe quando acalenta um filho pequeno [...]*, ou seja, ela acabou cuidando, educando, viu crescer, enfim dedicou-lhe uma vida toda. Faço minhas as palavras de Sandra Li, filha de Marise Castiel, ao retratar que a mesma [...] *não pretende aqui falar de suas realizações nem de seu passado. Aliás, a quem falaria? O passado da professora Marise Castiel é um passado esquecido, é o passado de Rondônia. E a quem interessa realmente nosso passado a não ser à pequena tribo dos contemporâneos?* (Sandra Li, 28/01/2012). E acrescenta que [...] *as autoridades de Rondônia não têm tanto interesse por nosso passado, pela memória, pela preservação dos nossos patrimônios históricos, pelo resgate da cultura e de nossas tradições e muito menos pelo reconhecimento do trabalho dos pioneiros [...]*.

Felizmente Abnael Machado de Lima (03/02/2012) na coluna para o site Gente de Opinião registra um pouco mais as lamúrias de quem vive à mercê de insurgências para pesquisa de campo em Rondônia, se referindo a Sandra Li, como protagonista de uma crônica que exalta o desprezo que a cultura, à história e os seus personagens sofrem, como o que ocorreu com a mestra Marise Castiel, cuja vida foi empenhada na formação moral, ética e cívica dos seus discípulos e dos jovens de maneira geral. Marise Castiel fazia da escola um instrumento de formação integral dos homens e mulheres que passavam a ter consciência de seus deveres e das suas obrigações com a sua família, com a sua integridade, com o desempenho profissional que se tornaria imprescindível para a inclinação do desempenho social. Castiel se converte numa mulher incansável na sua busca por uma construção igualitária da sociedade.

Com uma liderança nata atuava com destaque total na educação, na cultura e na política partidária. Não devemos nenhum favor em resgatar a sua

história, os méritos de ser uma construtora de alicerces que sustentaram esse Estado. Trata-se de uma obrigação e fazer menção as suas lutas e glórias, obrigação de quem deve muito ao seu passado recuso e quase esquecido, obrigação de quem não investe e não procura investir na sua própria História, e não estou falando de nós, estou falando de todos aqueles que tem nas mãos as ferramentas para a pesquisa de campo e não as desenvolve porque está à mercê de um Estado que pouco ou nada investe na tecnologia, no saber e na cultura.

3.1 Você me Conhece? Bainha



Figura 1: *Bainha em entrevista a Silvio Santos.*
Fonte: Zé Katraca, Disponível em:
<<http://www.newsrondonia.com.br/noticias/bainha+o+mestre+dos+sambistas+de+rondonia+ii+ii/36146>> acesso em: 12 de janeiro de 2018.

Bainha, conta em entrevista ao Zekatraca (10/08/2013), que não imaginava que chegaria a essa idade (75 anos), pois o negócio foi muito árduo, passou por momentos difíceis, assim como contabilizou momentos de muita felicidade. Mas dá graças a Deus por ter chegado até aqui. Bainha nasceu no Forte Príncipe da Beira e veio para Porto Velho com um ano de idade, nasceu na enfermaria do F. Príncipe da Beira, chegou por aqui em 1939, foi o tempo que seu pai deu baixa no exército e moraram aqui de vez. No Forte nasceram dois, ele a Tetê.

Seu pai já tinha morado em Porto Velho, inclusive quando ainda tinha tomado posse de um terreno que até hoje fica na sete de setembro, em frente a bifurcação com a Nações Unidas. Esse terreno ele conquistou em 1923, subindo pela mata no sentido Rio Madeira/Mercadinho do Km-1 e ali demarcou o

terreno. Ele vinha do seringal já casado com a mãe de Bainha, dona Maria Rodrigues da Silva Marieta e já tinha uma filha a Natércia. Nesse terreno construíram um “Rabo de Jacu” e deixou um Arigó (retirante nordestino) tomando conta, toda vez que ele vinha para cá trazia o rancho para o caseiro, quando vieram de vez foi para lá que a família de Bainha foi morar⁶.

Bainha conta que seu pai era de Humaitá e veio parar em Terra Caída, Santa Júlia no baixo Madeira onde conheceu sua mãe. A mãe do pai de Bainha era escrava fugitiva e veio parar na Amazônia em 1896. Aliás a constituição de vários Quilombos ao longo de regiões ermas como a Amazônia, é característica marcante desse período de luta contra a escravidão e a segregação racial no Brasil escravista. Basta lembrarmos a obra de Schwarcz (1993) que estabelece paralelos de como no Brasil escravista as pessoas, incluindo cientistas e instituições estavam impregnadas de ideias que tinham como pano de fundo a degeneração racial e as suas consequências para com as soluções conflitivas da segregação por cor, essas considerações iam desde o conceito ao problema a ser encarado histórica e cotidianamente. As soluções para os impasses foram muitas, entre elas, o uso da medicina legal, da adoção de hábitos de higiene, do sanitarismo e da ordem social, implantadas pelo viés militar, e assim, dava o tom para as políticas públicas que seriam empregadas mais tarde dentro de toda a sociedade. Uma sociedade fadada ao erro, mas vamos retornar a trajetória de Bainha.

Bainha milita como boêmios nas noites da cidade, isso começa no ano de 1948, quando ele via seu irmão Alípio tocar violão, ele (Alípio) era Cabo do Exército na Segunda Cia Rodoviária que funcionava onde hoje é a Brigada. O Alípio era boêmio e naturalmente chama Bainha para o acompanhar, daí ele conhece alguns colegas como o Zé Padeiro e o Antônio de Matos, eles faziam aqueles blocos de sujos na Joaquim Nabuco, Paulo Leal, Sete de Setembro, tudo escondido dos seus pais. Eles desciam a avenida mascarados, tocando as latinhas com pedra dentro. Foi dessa maneira que ele conheceu o negócio da música e essa nunca mais saiu de dentro dele. Bainha lembra que um sanfoneiro convidava-o para tocar pandeiro e surdo em suas apresentações no Pimpão Bar

⁶ In: SANTOS, Silvio. *Bainha – O Mestre dos sambistas de Rondônia*. Disponível em: <www.google.com/amp/s/amp.gentedeopiniaio.com.br/colunista/silvio-santos/bainha-o-mestre-dos-sambistas-de-rondonia-i> acesso em: 30/05/2018.

que ficava na 7 de Setembro nas proximidades da Marechal Deodoro, era onde funcionava uma casa de boemia, com uma estância de apartamentos onde diversas mulheres solteiras moravam.

Bainha passava pela Vila Confusão sempre que queria passar para o outro lado, esse outro lado é na sub esquina da Campos Sales onde tinha uma subida, onde se encontrava também um pé de seringueira (até o final dos anos de 1950), subia para ver a boemia na Vila Confusão e lá encontrava seu irmão Alípio.

Para chegar à Vila Confusão você descia a Sete de Setembro quando chegava a Campos Sales uns 20-30 metros depois a gente subia. Bainha diz que aquele trecho da Avenida Sete de Setembro era muito alto, quase da altura do Hospital São José (hospital da Astir). A Vila ficava justamente onde hoje está a Galeria Lacerda, em frente era o Areal da cidade e depois foi a casa do seu Flodoaldo e da mineração dele. Ai pelo lado da Gonçalves Dias fizeram uma pracinha era o final da Vila Confusão.

Tinha o nome de Vila Confusão, porque acontecia muita briga noite e dia, mas briga na mão, não de arma. As brigas eram provocadas principalmente pela disputa de mulher. Na vila não morava mulher só homem solteiro e os boêmios pegavam as mulheres solteiras no Mocambo e levavam para lá, após várias rodadas de cachaça, a disputa começava e o pau comia, era briga feia. Perguntado se lembrava de algum boêmio assíduo frequentador da Vila Confusão, Bainha responde que o Antônio do Violão apesar de morar no Mocambo era frequentador assíduo, capote um dos melhores violonistas que passaram por aqui, além do Alípio irmão dele, e quando terminava a noitada da Vila Confusão era na casa do seu Piedade (Guarda Territorial) um músico saxofonista respeitadíssimo que a noite dos boêmios continuava. Bola Sete também era um dos frequentadores assíduos da Vila Confusão.

Bainha explica que a Prova de Fogo foi criada em meados dos anos de 1940 pelo Tário de Almeida Café, tenente da 3ª Cia de Fronteira. E assim o Café conheceu um tenente que era comandante da 3ª Cia e os dois eram cearenses e lá no Ceará eles tinham o Bloco Prova de Fogo, ao se encontrarem em Porto Velho, para lembrar esses velhos tempos de Ceará, criaram a “Prova de Fogo”, Bainha diz que esse bloco só desfilou uma vez no carnaval, quando ele deu por conta Bola Sete já botava a escola de samba “Deixa Falar” que saía da Almirante Barroso em frente ao Cemitério dos Inocentes, Bainha foi puxador

de corda na escola de samba do Bola. Depois que veio a escola de samba “O Triângulo Não Morreu”, depois foi que Periquito fundou seu bloco infantil, em homenagem a escola colocou o mesmo nome.

Bainha também acrescenta que durante esse tempo só brincava homem nas escolas, tanto no bloco Prova de Fogo, como nas escolas Deixa Falar e Triângulo, só brincavam homens e ainda tinha corda de isolamento.

Já a Diplomatas do Samba foi por intermédio de Cabeleira, Bainha, Valério e Ricardo que juntos resolveram colocar uma escola de samba na rua no dia do carnaval de 1959 e então no mês de novembro de 1958 criaram a escola de samba. Tiveram a ideia de convidar o Tário de Almeida Café por ele ser um funcionário de destaque da prefeitura da cidade, foi ai que Tário foi o primeiro a presidir a escola, mas ele só aceitou com a condição de que a escola se chamasse Prova de Fogo, como ele tinha todo o aparato (dinheiro) eles aceitaram, com esse nome a escola desfilou apenas no carnaval de 1959. Foi ai que resolveram trocar o nome e colocar Escola de Samba Diplomatas do Samba, no ano seguinte, o Bizigudo chegou de Belém e sugeriu o nome de Universidade dos Diplomatas do Samba e assim ficou. Em 1964, Bainha sugeriu que se trocasse novamente para apenas Escola de Samba Os Diplomatas e assim tem sido o seu nome até hoje.

Bainha lembra com a Prova de Fogo para o desfile, o Café conseguiu junto com Abel (proprietário do Bar Santo Antônio) umas camisetas vermute Martini e eles desfilaram de calça branca e camiseta Martini. Foram apenas 18 brincantes entre batuqueiros, passistas, sambista e porta estandarte. Era só homem dentro da corda de isolamento e o Porta Estandarte era o Chico Bolão na frente do palanque oficial, o Ricardo tomou o estandarte do Chicão e fez a apresentação, isso porque o Ricardo era exímio dançador de samba. Essas características mais parece de um Rancho do que uma escola de samba propriamente dita, pois se formos levar em conta a organização de uma escola ela vai muito além de passistas, batuqueiros e estandarte, essas características narradas por Bainha mais parece a de um Rancho que conta com a presença do Porta Estandarte, do samba de enredo e dos passistas seguidos de ritmistas, para uma escola de samba completa faltava as baianas, os carros alegóricos, a porta-bandeira seguida do mestre-sala, as alas todas delimitadas, e etc. mas podemos dizer que a Prova de Fogo foi um Rancho que foi escola.

Como baluarte da escola Diplomatas, Bainha considera que seja Bola Sete, Severino (porteiro), seu Motinha, a diretoria do Danúbio Azul Bailante Clube, Neire Azevedo (grande carnavalesca), dona Juraci, Nego Leônidas que jamais vestiu vermelho, esse foi o verdadeiro baluarte, pra ele existia apenas duas coisas, ou você era Diplomatas ou então não existia. Também o Roosevelt Maturim, Cardoso pai e filho, Cabeleira grande mestre-sala, Bizigudo, Ivonete, Nair irmã de Bainha, dona Marieta a sua mãe que costurava de graça para a escola.

Leônidas não vestia vermelho de jeito nenhum, as vezes o pessoal se reunia para dizer que ele tinha que desfilava de paletó vermelho e ele ia pra cima de todo mundo igual uma fera: [...] *Não visto vermelho e se vocês insistirem não vou desfilar* [...], perguntando qual era o motivo, ele respondia que [...] *de vermelho ia ficar com o cão, com o satanás* [...], ele apenas desfilava de prateado ou branco de vermelho nunca. Daqui pra frente Bainha conta outros detalhes de sua carreira carnavalesca que podem ser acompanhadas nos próximos subtítulos.

Perguntado sobre quantas agremiações carnavalescas Bainha participou de suas fundações, ele responde: [...] *devo lembrar que naquele tempo as escolas de samba e os blocos carnavalescos, desfilavam Domingo e Terça Feira de carnaval, era um compromisso com a prefeitura* [...] (Silvio Santos, s/p. 2013). Respondendo a indagação de Silvio Santos ele responde que participou da fundação do Bloco Só Vai Quem Bebe. Além é claro de ter participado da fundação do Bloco do Bode, Mistura Fina, Zé Atraca (que originou a coluna do Zekatraca). Aí vieram as escolas de samba do Km-1, Unidos da Nova Porto Velho e Castanheira.

No bloco só vai quem bebe, os homens vestiam-se de mulher e as mulheres de homem. O detalhe da questão é que as mulheres eram todas prostitutas, elas bancavam toda a bebida e a panelada do bloco. Bainha conta que na verdade a grande parte dos sambistas que faziam parte da linha de frente nas escolas de samba, em particular a Diplomatas, eram todos gigolôs, eram bancados pelas “putas”. Depois do desfile os instrumentos tinham que ser levados para casa do Bainha e era um problema, porque noventa e nove por cento dos brincantes estavam bêbados e só subia uns três a quatro folião com Bainha.

Já o Bloco do Bode tem uma historinha que conta que todos desse bloco com o Manelão sendo o “cabeça” se reuniam no bar do Cassimiro, de onde todo o domingo de carnaval, colocavam um bloco de sujo na Avenida. Em um desses domingos alguém roubou uma calcinha de uma das jovens da vizinhança, melou de mercúrio para dizer que a mesma estava de “bode” (menstruada) e a usaram como estandarte. Um dos empregados do bar do Cassimiro conhecido como Antônio Chulé se ofereceu para ser o Porta Estandarte, o que aconteceu foi que a mãe da jovem descobriu que a calcinha pertencia à sua filha e junto com ela bateram no rapaz que estava com o estandarte, depois de muita peia, o bloco saiu como se não tivesse acontecido nada.

Após o fim da Caiari em 1974, e dona Marise Castiel entregando os instrumentos da mesma para Bainha, foi que com a aproximação do carnaval de 1975 e em um certo dia no Bar do Cassimiro, Bainha acaba encontrando Silvio Santos e o convida para criar uma escola de samba, pois já tinha o principal do momento que era os instrumentos da bateria, Silvio Santos concordou e ambos convidaram o Deusdete Careca para fazer parte da agremiação e assim surgiu a “Mocidade Independente do KM-1”.

A escola durou apenas seis anos, todos os sambas da escola foram de autoria de Bainha e Silvio Santos: O Último São João de Castro Alves (1975), Mocidade no Reino dos Orixás (1976), Saudade Eterna-Praça Jonathas Pedrosa (1977), Réquiem ao Compositor – Homenagem ao Neguinho Menezes (1978) a escola foi campeã. Depois veio o Mundo Encantado da Criança (1979) e Nossa História (1980).

Em 2004, a escola de samba Diplomatas homenageou Bainha com o enredo da escola, e na ala “Amigos da Portela” composta pelo pessoal do Asfaltão que é da família de Bainha foram mais de 50 integrantes de azul na Diplomatas.

3.2 Você me conhece? Antônio Chagas Campos (Cabeleira)



Figura 2: *Cabeleira.* **Fonte:** Zekatraca, Disponível em:<<http://www.gentedeopiniaio.com.br/noticia/antonio-chagas-campos-cabeleira-o-boemio-mestre-sala/151263>> acesso em: 12 de janeiro de 2018.

Na imagem acima temos Cabeleira, um senhor de um pouco mais de 60 anos, ainda atuante no mundo dos grandes sambas, atualmente se dedica a Escola de Samba Acadêmicos do Armário Grande, uma das principais escolas de Porto Velho, a escola está no grupo de acesso. Cabeleira foi o primeiro mestre-sala da Amazônia e de Rondônia, tem em sua bagagem grandes histórias dos principais carnavais aqui já encenados, veremos a seguir.

Durante os ensaios comandados pelo Bizigudo e o Bainha, o Bola Sete andou pisando no pé da Gladys e ela disse que com ele não dançaria, foi então que me olharam e disseram, vai ter que ser você (SANTOS, s/p. 2016). É com essa frase de Cabeleira que iniciamos a trajetória sobre sua história no mundo do carnaval de Porto Velho. Cabeleira ostenta o emblema de ser o fundador da escola de samba Os Diplomatas, além de ter sido o primeiro mestre sala de uma escola de samba de Porto Velho, criador da Federação das Escolas de Samba de Rondônia – FESEC e um dos incentivadores da escola de samba Acadêmicos do Armário Grande. Antônio Chagas Campos (o Cabeleira) não se cansa de lutar pelo carnaval das escolas de samba. Hoje é o vice presidente da FESEC.

Uma de suas pretensões em 2016, era a de colocar em prática, o funcionamento da “Liga Independente das Escolas de Samba de Rondônia”. Recentemente Ernesto Melo através do projeto intitulado “A Fina Flor do Samba”, o homenageou em um show que acontece periodicamente no Mercado Cultural, esse show em específico foi no dia 08 de abril de 2016, foi então que

Silvio Santos resolveu entrevista-lo para que o público que acompanha suas histórias como colunista pudessem acompanhar a trajetória de Cabeleira. Uma história feita através de luta pela cultura carnavalesca.

Cabeleira nasceu no dia 10 de setembro de 1939, é filho de Inácio Pereira Campos e Marinha Santos Campos. Veio para Porto Velho com dez anos de idade em 1949, o seu pai já era viúvo e tinha se casado pela segunda vez. Foi um menino interno no colégio Darcy Vargas em Manaus por dois anos. Depois de dois anos internado no colégio em Manaus, seu pai lhe mandou buscar, aqui em Porto Velho: Inácio Campos ganhou um terreno de Dom João Batista Costa que ficava situado na Sete de Setembro com Tenreiro Aranha, hoje nesse local se encontra a loja Avenida. Cabeleira conta que seu pai era polidor de móveis e essa profissão era novidade na época e fazia o maior sucesso. Depois ele foi embora, voltou, e foi embora novamente, foi quando levou cabeleira.

Cabeleira entrou no mundo do samba por intermédio de um crioulo apelidado de Amazonas, um conhecido de seu pai que chegou um dia e lhe convidou para ir na Mangueira, na sua primeira noite de samba no Rio de Janeiro e ainda na Mangueira, Cabeleira se encanta e só sai de lá quando clareia o dia. Naquele tempo ele bebia uma cachaça “brincando”. Depois passou a ir na Mangueira com um garçom chamado Severino, foi quem entrosou Cabeleira no meio dos passistas da escola, foi aí que ele conheceu o Mestre Sala - Delegado que era rival de Noé Canelinha outro Mestre Sala de renome.

Já em 1957, Cabeleira retorna para Porto Velho e aqui se encontrou com Pedro Otino e Bainha. Pedro Otino já estava envolvido com samba, foi então que Bainha convidou nosso Mestre Sala para criar uma escola de samba e assim foram até o Valério que disse que tinha acabado com o “Bloco da Dona Joia”, Joia era esposo de Valério, esta tinha um bloco infantil. O último ano do bloco de Dona Joia desfilou no carnaval de 1958 com o tema de “Scaramuche”.

A Escola de Samba surgiria em uma casa da rua Joaquim Nabuco sub esquina com a Almirante Barroso, perto do Batuque de Santa Bárbara, para onde Valério, esposo de Dona Joia haviam se mudado. Nessa reunião que ocorreu no dia 4 de novembro de 1958, estavam presentes os carnavalescos: Valério Souza e seu filho Ricardo, Cabeleira e Bainha. Apesar da negação de Bainha, Cabeleira se recorda da presença de Leônidas. Faltava um presidente para a agremiação, foi então que procuraram o Tário de Almeida Café, que era

como se fosse um dos secretários de obras da prefeitura de Porto Velho, que aceitou ser o presidente com a condição de que a escola se chamasse “Prova de Fogo”, e assim foi. Cabeleira diz que uma pessoa se refere que a escola foi criada na frente do Bradesco na Sete de Setembro, só que ele lembra que naquele tempo, aquela área onde fica o Bradesco, era um buraco conhecido como “Buraco da Dada”.

Perguntado sobre a vida de gigolô, Cabeleira responde que quando chegou do Rio de Janeiro, Bainha lhe apresenta uma coroa que gostou dele e passou a banca-lo, lhe dava de tudo, Bainha também tinha a dele, assim como os demais, Leônidas, Rubens Cachorro e outros. Elas gostavam do pessoal da turma do samba porque eles sabiam dançar bem, principalmente Cabeleira que tinha chegado do Rio e dançava tudo.

Agostinho Reis (Bizigudo) ao retornar de Belém e ingressado na Prova de Fogo, foi quem sugeriu a mudança de nome para “Universidade dos Diplomatas do Samba” em 1961, e disse, tá faltando para ser uma escola de samba de verdade, a ala das Baianas e o casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, Cabeleira sugeriu ensaiar o Bola Sete com a Gladys. Durante os ensaios sob o comando de Bizigudo e o Bainha, Bola Sete andou pisando no pé da Gladys e ela disse que com ele não dançaria, foi então que olharam para Cabeleira e disseram: [...] *vai ter que ser você* [...]. Esse já traquejado por ter tido aulas com o Delegado no Rio, foi e fez a parte dele, Bizigudo virou para o Bainha e concluiu: [...] *o homem tá pronto!* [...] Cabeleira se transformou no primeiro Mestre Sala em uma escola de samba de Porto Velho.

Naquela época os desfiles aconteciam com umas paradas estratégicas da qual nos conta cabeleira, o Café ligava para Mario Lima, para o presidente do Sindicato dos Estivadores, o Galdino e outros empresários da cidade, então eles iam fazendo aquela via sacra. Chegava e a bebida e o tira gosto estavam prontos. Certa vez, o Café falou que cabeleira e ele iriam visitar o governador Enio Pinheiro! E que iria levar uma folha de papel e uma caneta para que o governador autorizasse que eles pegassem os tecidos das fantasias da escola na Casa da Saudade. Na frente da casa do governador tinha uma Jaqueira e o Roosevelt inventou de dar uma cabeçada numa jaca que ficou pingando leite, e eles querendo esconder do governador para não perder a doação. O governador mandou Café subir com toda a turma e serviu bebida e tira gosto do bom e do

melhor. Depois de um tempo, cabeleira lembrou o Café da folha de papel e ele entregou para o governador que autorizou, de lá partiram bêbados para as demais casas.

A turma também gostava de aprontar para cima da mulherada, certa vez colocaram Rubens Cachorro no salão para ensaiar as meninas e o Leônidas dizia para ele: vê aquela ali se tem namorado! Se não tivesse, eles saiam para a Taba do Cacique e era lá que começava o negócio. Naquela época não existia motel, só tinha o rendez-vous da Carmita na Campos Sales. Eles mostravam a fantasia bonita e quando a jovem gostava eles davam o bote, se você aceitar sair com um de nós, a fantasia é sua! Era o Cabeleira, Leônidas, Bainha e Rubens Cachorro que aprontavam essa peça.

Cabeleira encerra dizendo que com sua esposa Agnes Neguinha ele tem oito filhos, mas se for botar na ponta da caneta, são mais de 20, tem até um filho com uma boliviana e conclui dizendo: [...] *o velhinho não é fácil* [...] (SANTOS, s/p. 2016).

3.3 Você me conhece? Bola Sete



Figura 18: *Bola Sete no desfile pela Diplomatas.* **Fonte:** Silvio Santos (2007). Disponível em: <www.gentedeopiniaio.com.br/colunista/silvio-santos/bola-sete-ou-eliezer-santos-quem-foi?source=images> acessado em: 30/05/2018.

A imagem retrata a pessoa de Bola Sete, um sambista de renome, Eliezer Santos era popularmente conhecido por esse apelido da qual todos chamavam, chegou em Porto Velho como soldado da borracha, justamente no mês de setembro de 1943, como soldado da borracha deveria seguir para algum seringal, mas ao se destacar por saber ler e escrever, foi contratado para trabalhar no Hospital São José pelo governo territorial.

Eliezer Santos nasceu no dia 11 de agosto de 1923, no município de Itororó no estado da Bahia. Em Porto Velho trabalhou no Hospital São José, foi jardineiro na Praça Marechal Rondon, vendedor de bombom, boxer e lutador de luta livre, criou a primeira academia de box e luta livre do Território do Guaporé e foi o primeiro cambista da cidade, assim era que seus amigos o gostavam de chamar já que ele vendia bilhete de loteria e escrevia jogo do bicho.

Precursor dos primeiros movimentos carnavalescos da cidade, além de ser o criador do movimento das pastorinhas, juntamente com seus amigos fundou a escola de samba “Deixa Falar” em 1946, a primeira escola de samba de Porto Velho e em consequência do Território do Guaporé, foi considerado um dos fundadores da escola Os Diplomatas do Samba, sua escola de coração. Bola Sete faleceu no Hospital Prontocor aos 33 minutos do dia 13 de dezembro de 1985, nesse momento estavam junto dele o Silvio Santos, Babá, Manelão e o Dr. José Augusto.

Bola Sete era conhecido por praticamente toda a população de Porto Velho, quando passou a vender bombom na porta do Cine Teatro Resk e Bilhete da Loteria Federal pelas ruas da cidade. Por essa atividade seus amigos o chamava de cambista, pois além dos bilhetes da loteria ele também escrevia jogo do bicho. Na porta do Cine Resk, principalmente aos domingos, quando o filme em cartaz era passado em duas sessões, uma que iniciava as sete da noite e a outra na segunda as 21 horas, dificilmente alguém entrava no cinema sem nem ao menos comprar um bombom no carrinho de Bola Sete. De dia ele passeava com sua pasta percorrendo as principais repartições públicas da cidade e dos escritórios dos empresários, oferecendo seus bilhetes da loteria federal além de instiga-los a palpitar no jogo do bicho.

Sempre ativo, malandro dos bons, Bola era um dos líderes da famosa Vila Confusão e foi lá que juntamente com outros amigos que ele cria a primeira

escola de samba da cidade com o nome de Deixa Falar. A respeito da criação dessa escola, Severino conta que:

Estava servindo na Terceira Cia de Fronteira em 1946. Era eu, Antônio Leiteiro e outros que trabalhávamos no rancho, cortamos sacos de sarrapilha no fundo e do lado e fizemos a fantasia. Nascia ali a escola de samba ‘Deixa Falar’. O comandante ficou olhando. Tinha também o Alípio irmão do Bainha, o Preguinho apelido do Walter Bartolo, Jaime, Antônio Campo que era irmão do Cabeleira e o Inácio Campo pai; O Bola Sete era um dos baluartes e ainda tinha o Antônio Coxó e eu com a Cobra. Quem deve ter esse retrato, é a Rosilda mãe do Buchada porque o baiano marido dela o ‘Caveira de Cachorro’ Avelino Santana, também fazia parte desse grupo.

Silvio Santos (2007) escreveu que Bola Sete gostava de criar uma cobra Jiboia em seu quarto que ficava na rua General Osório onde hoje é o hotel Iara. Certa vez ele convidou, Cabeleira, Bainha, Leônidas, Pelado e outros sambistas para uma panejada. O panelão com tripa fina, tripa grossa, livro, bucho, mocotó e todos os temperos próprios de uma “panelada” colocada no terreiro em frente ao apartamento do Bola, a turma ficou bebendo cachaça dentro do quarto. Bola Sete avisou que iria tomar um banho e a turma podia ficar à vontade. A algazarra tinha tomado conta do ambiente com Bainha cantando samba enquanto os demais acompanhavam na palma da mão, colher e outros instrumentos. De repente Cabeleira avisa que o assoalho estava se mexendo; quando o Bainha olhou a bichona botou o lombo de fora. *O grito que o Leônidas deu foi escutado no Mocambo e com o grito a confusão* (SANTOS, 2007: S/P.), já que todos queriam passar pela única porta ao mesmo tempo. Bola Sete ao ouvir a gritaria correu para ver o que passava e só deu tempo de ver a turma na maior carreira subindo a sete de setembro e o Bola atrás: a panelada tá pronta, a panelada tá pronta!

A vingança da turma veio no necrotério, a turma armou uma para o Bola, todos sabiam que ele tinha pavor a defunto, velório ele até ia, mas ficava sempre no terreiro, jamais olhava o defunto. Convidaram o Bola para uma roda de samba regada a cachaça mais famosa da época, a cachaça Cocal. Tudo foi armado para acontecer à noite, o samba comendo e a turma toda empurrando biritá no Bola. *Vamos nessa, fundo branco para todo mundo* (SANTOS, 2007: S/P.). Só que no copo da turma era água, cachaça mesmo só para o Bola, do meio para o fim, disseram que a cachaça havia acabado e só tinha o famoso

vinho “sangue de boi”, colocaram as mulatas sambistas da Diplomatas na roda e o Bola todo “enxerido” foi para o meio do terreiro sambar, a cada rebolada que a morena dava, era servido mais copo de vinho, por volta da duas da madrugada Bola capotou.

Bola entrou em com alcoólico, foi então que veio a segunda parte do plano. Colocaram o Bola em um carro e o levaram até o Necrotério que ficava do lado do Hospital São José de frente ao cemitério dos inocentes, o deitaram na “pedra” onde já estava um defunto de verdade. Bola só dormia e roncava, quando por volta das seis horas da manhã ao acordar, viu seu corpo arrodado de velas, ele esfregou os olhos, olhou o teto da casa esquisita e quando olhou para o lado viu o defunto bem do seu lado, colado ao seu corpo. Bola saiu desesperado deu um pulo da pedra e desceu a ladeira rumo ao Mocambo, a turma que estava na espreita, saiu gritando *Vem cá, vem cá, com voz de terror* (SANTOS, 2007: S/P.).

Conclusão

Infelizmente por se tratar de um artigo ficamos limitados a essas poucas páginas, por isso mesmo tivemos que abdicar de nomes que foram e ainda são muito importantes para a nossa cultura popular, assumimos a ausência de dados biográficos e de citações como Silvio M. Santos, um dos principais nomes da cultura e carnaval da cidade, também abdicamos dos dados referentes a Manuel Mendonça (o Manelão), sobre esses dois “agentes promotores da festa” (CUNHA, 2002) ver minha monografia intitulada: “Bailes Blocos e Escolas de Samba – Histórias do carnaval em Porto Velho” defendida em 2018, em processo de catalogação.

Agora referente ao trabalho proposto por nós nesse artigo, dispusemos de alguns dados referentes a cultura local, nos utilizando da trajetória histórica de Marise Castiel, Cabeleira e Bainha, estes três, em suma, já contam bastante para a importância desse artigo, pois nesses dados biográficos muita coisa foi revelado, como o espaço de encontro da boemia porto-velhense que se resumia a Vila Confusão, a criação dos blocos e escolas como o Bloco do Bode, a escola Prova de Fogo, Deixa Falar e Triângulo Não Morreu. Outras passagens referentes a nossa cultura devem ser estudadas em oportunidades posteriores.

De antemão devemos lembrar que o carnaval também tem que ser lembrado como o retrato social do povo que dele participa, não somente como o lugar da libertinagem, mas sim como o espaço de visões múltiplas e variadas, já não se fala somente em carnaval de Bloco e Escola, mas de Carnaboi, do carnaval do Frevo e Maracatu, do carnaval do Carimbó, isso demonstra muito bem o quanto o carnaval pode ser eclético e variado, e seu significado muda conforme a região que lhe abraça. Há quem não goste, já outros o veneram, e este se converte num espaço democrático por natureza, pode entrar nele quem quiser e como quiser. O carnaval é feito para todas as idades, dos bailes infantis aos mais adultos, assim se encarregam de perpassa-lo para as próximas gerações, e mesmo que isso não aconteça, ele ainda existirá por muito tempo, pois quem não gosta de samba, realmente só pode ser [...] *ruim da cabeça ou doente do pé* [...].

Mas há ainda uma outra questão, os:

Carnavais e carnavalizações servem para legitimar uniões ou entrelaçamentos entre os diferentes por meio do canto, da música e da dança e, acima de tudo, do riso que dissolve barreiras; ao passo que as festividades da ordem reforçam a autoridade e as diferenças” (DAMATTA, 2010, s/p.).

Luccock (1829) já enfatizava que a comunidade se retrata muito bem por meio de seus divertimentos e por suas maneiras de pensar e agir sério. A festa, portanto, reforça ou inverte as rotinas. O sentido do carnaval para Damatta está na estética da igualdade, e de igual maneira, é feito de riso, do engano e da mentira, por isso mesmo é que está tão dentro de um Brasil.

Fontes consultadas

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* tradução, Sérgio Góes de Paula. -2 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Introdução*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras F(r)estas: ensaios de história social da cultura*. (Coleções várias histórias). Campinas - SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002. p. 12-2.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HUGO, Vitor. *Desbravadores*. Prefácio do Dr. Jacob de Freitas Atallah. Porto Velho: ABG, 1998.

IBGE, 1957. *Censos Demográficos e Econômicos: Território Federal do Guaporé – série regional*. Fonte: IBGE. Volume VI, Rio de Janeiro, 1957.

CASTIEL, Sandra. *A Professora Marise Castiel: A Grandiosidade de Uma Vida*. 28/01/2012. Disponível em: <<http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/professora-marise-castiel/90793>> acesso em: 12/10/2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

O ESTADÃO DO NORTE. Porto Velho: 20/11/1992. [Acervo público da Biblioteca Municipal Francisco Meirelles].

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

REZENDE, Jaqueline Ogliari. *O viver dos beradeiros do Madeira: aspectos da identidade cabocla ribeirinha em Porto Velho*. São Paulo: USP, Pós Graduação em Mídia, Informação e Cultura, 2013.

SANTOS, Silvio M. *A História do carnaval em Porto Velho: os desfiles das escolas de samba*. Disponível em: <www.rondoniaaovivo.com/noticia/historia-do-carnaval-em-porto-velho-as-batalhas-de-confete/70853> acesso em: 02/03/2016.

_____. *Cabeleira: O Boêmio Mestre-sala*. Disponível em: <<http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/antonio-chagas-campos-cabeleira-o-boemio-mestre-sala/151263>> acesso em 10/12/2017.

_____. *Bola Sete ou Eliezer Santos quem foi?* Disponível em: <www.gentedeopiniao.com.br/colunista/silvio-santos/bola-sete-ou-eliezer-santos-quem-foi?source=images> acesso em: 30/05/2018.

_____. *História do carnaval em Porto Velho: O Triângulo Não Morreu Infantil*. Disponível em: <www.gentedeopiniao.com.br/colunista/silvio-santos/historia-do-carnaval-em-porto-velho-o-triangulo-nao-morreu-infantil> acesso em: 30/05/2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRINHO, Paulo Saldanha. *Fatos, Histórias e Lendas do Guaporé*. Porto Velho: Gráfica Lorena Ltda. S/D.